

PRÁXIS FOLKCOMUNICACIONAL:¹

A Busca pelo Sentido de Resistência na Comunicação dos Marginalizados

Guilherme Moreira Fernandes ²

RESUMO

Esse ensaio parte de uma pesquisa bibliográfica e documental com objetivo de perceber o sentido da pesquisa em Folkcomunicação, aponta para a necessidade de incorporação do termo “práxis” em reforço ao ideal de resistência. Realiza-se uma aproximação a partir do conceito de Paulo Freire e sua interface com a teoria de Luiz Beltrão. Além da proposição conceitual, ainda em formulação, se pretende elencar objetos de estudo a partir do contemporâneo e da vitrine das redes sociais digitais, por meio de estudo de caso com a técnica da observação netnográfica. Como elemento conclusivo apontamos o viés epistêmico contra-hegemônico como marca dos estudos em Folkcomunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria da Folkcomunicação; Pesquisa em Folkcomunicação; Práxis na Comunicação; Epistemologia da Comunicação; Comunicação e Gênero.

INTRODUÇÃO

Enquanto uma das teorias da Comunicação, a Folkcomunicação pode ser uma teoria que se insere em pesquisas que utilizam diversos métodos de abordagem. Em pesquisa anterior (Fernandes; Pinheiro; Martins, 2016) destacamos que o campo folkcomunicacional absorve pesquisas de cunho funcionalista, marxista, fenomenológico e culturalista. A forma de olhar o mundo, e logo, o objeto empírico, não determina quais teorias podem ou não serem utilizadas. No entanto, a teoria da Folkcomunicação abarca quatro elementos basilares: a) folclore; b) marginalidade; c) comunicação artesanal e horizontal; d) desenvolvimento; sendo cada um deles sustentados por uma literatura

¹ Trabalho apresentado para o GT 1: Diálogos e Fundamentos Teóricos da Folkcomunicação, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Professor adjunto do Centro de Artes, Humanidades e Letras e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/PPGCOM/UFRB). Doutor em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: guilherme.fernandes@ufrb.edu.br.

progressista advinda de diversos autores/as oriundos de múltiplas matrizes epistemológicas.

Com a proposta de demarcar o sentido da “resistência” como elemento central para as análises folkcomunicacionais este ensaio se propõe a definir teoricamente o termo “práxis folkcomunicacional”, que cunhei em 2019 em palestra realizada no IV Encontro Internacional de Folkcomunicação na Pontifícia Universidad Javeriana, em Bogotá, na Colômbia (Fernandes, 2022). Ao utilizar a denominação “práxis” é natural que se perceba um direcionamento ao método dialético. Todavia, ainda que o entendimento da práxis folkcomunicacional passe pelo marxismo, queremos demonstrar que a compreensão desta ação via sistema da folkcomunicação não é exclusiva às pesquisas que utilizam a dialética e que, por exemplo, leituras fenomenológicas podem ser realizadas a partir da identificação de uma ação que pode ser considerada como uma práxis folkcomunicacional.

A ideia de práxis está presente desde a antiguidade clássica. O filósofo grego Aristóteles (2001) aborda no livro VI de *Ética a Nicômaco* a “sabedoria prática” com forte inclinação para a aplicação do “conhecimento científico”. No entanto, é a partir da filosofia econômica de Karl Marx que o termo foi consolidado na literatura acadêmica e definido como união dialética entre teoria e prática.

O experiente professor Fernando Magalhães (2015) em uma tentativa de condensar o pensamento de Marx em 10 lições, traz como título da terceira: “Marxismo: uma filosofia da práxis”. O texto começa com um questionamento do termo “marxismo” e inclusive aponta que o próprio autor rejeitava essa alcunha. No entanto, defende que “o marxismo é a teoria de Marx que envolve uma concepção de mundo em que se encontra uma crítica ao capitalismo e a sua superação através da luta dos trabalhadores, isto é, através de uma prática revolucionária que convencionou de chamar de práxis” (Magalhães, 2015, p. 48). O pensamento de Marx, ainda que ligado à Economia, repercutiu em diversas áreas de conhecimento. Sua obra recebeu inúmeros críticos que ressaltam um reducionismo ao plano econômico, e, não obstante, uma aplicação a uma dimensão maior que é o campo cultural, é o que faz, por exemplo, Stuart Hall (2008) ao abordar os dois paradigmas (estruturalista e culturalista) como gênese dos Estudos Culturais: “O culturalismo afirma constantemente a especificidade de práticas diferentes

- a ‘cultura’ não deve ser absorvida pelo ‘econômico’: mas lhe falta uma maneira adequada de estabelecer essa especificidade teoricamente” (Hall, 2008, p. 143).

A partir de Marx, o termo “práxis” começou a repercutir em diversos “seguidores”, como é o caso de Antonio Gramsci. No Brasil, Paulo Freire traz o conceito com aplicação na Educação, cujos sentidos filosóficos podem ser pensados no âmbito da Ciência da Comunicação e é o nosso objetivo refleti-lo como sentido epistemológico da pesquisa em Folkcomunicação. Ademais, essa tentativa conceitual ainda revela características dos novos objetos de estudos da teoria formulada por Luiz Beltrão. Sendo assim, nosso diálogo se fundamenta a partir dos usos de Freire do termo “práxis” e os diálogos com a Folkcomunicação daí recorrentes.

PAULO FREIRE E A FOLKCOMUNICAÇÃO

Natural do Recife, Paulo Freire foi um educador e filósofo, conhecido mundialmente por seu trabalho em educação popular e pedagogia crítica. Defendia uma educação libertadora, dialógica e voltada à consciência crítica dos oprimidos. Sua obra mais famosa, *Pedagogia do Oprimido* (PO), influenciou profundamente práticas educativas no mundo inteiro. Foi influenciado pelo marxismo, especialmente pelas ideias sobre opressão, consciência de classe e transformação social. No entanto, ele não era um marxista ortodoxo. Freire dialogava com o marxismo de forma crítica e criativa, incorporando elementos da teologia da libertação, do existencialismo e do humanismo cristão em sua proposta pedagógica. Seu foco era sempre a emancipação dos oprimidos por meio da educação conscientizadora.

A obra de Freire não se restringe à Educação e diversos diálogos foram realizados com as ditas áreas afins, entre elas a Comunicação. Em 1979, José Marques de Melo escreveu o texto “A Comunicação na Pedagogia de Paulo Freire”. Ainda que não faça um diálogo explícito com a teoria de Luiz Beltrão, o professor parte da argumentação de que a Pedagogia de Paulo Freire é uma Pedagogia da Comunicação e traz trechos de diversos livros que demonstram essa premissa. É nesta obra que Marques de Melo situa a Comunicação:

[...] no cerne da Pedagogia do Oprimido está inevitavelmente o problema da comunicação: o homem que, se comunicando com a

natureza, consigo mesmo e com os outros homens, descobre a sua própria humanidade. Conhecendo a si mesmo, em sua contextualização, é descobrir-se como oprimido. (Marques de Melo, 1998, p. 266).

Mais adiante, ele aborda a Pedagogia do Oprimido e revela que se trata da pedagogia da práxis: “a práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo (PO, 40)” (Marques de Melo, 1998, p. 267). É o momento em que ele apresenta que a ideia de práxis em Freire é a de uma “práxis comunicativa”:

Trata-se, portanto, de uma práxis comunicativa. Agindo e pensando sobre o mundo, com os outros homens, é que se vislumbram caminhos para a sua transformação. “Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão” (PO, 42). (Marques de Melo, 1998, p. 267).

Antônio Hohlfeldt (2009) propõe um diálogo mais explícito entre a Beltrão e Freire destacando a contemporaneidade e a complementaridade entre as obras dos autores. Hohlfeldt se vale fundamentalmente do ensaio *Extensão ou Comunicação?* que Freire publicou no Chile em 1969. O pesquisador destaca que os escritos de PF são decorrentes de sua vivência, de suas próprias práticas: “nesse sentido, sua perspectiva é sempre dialética, porque se imbrica nunca relação intrínseca entre pensamento e ação” (Hohlfeldt, 2009, p. 98).

Hohlfeldt (2009, p. 99) cita em suas análises estudos do professor Venício Lima, referência nos diálogos entre Freire e a Comunicação, e recupera que uma das questões que Freire deixou em aberto em sua obra: “a problemática da comunicação de massas e sua adequação à teorização freiriana”. Ele aponta que essa resposta foi dada por Beltrão, sobretudo na concepção da comunicação dos marginalizados. Para substantiar a argumentação, Hohlfeldt traz trechos de diversas obras de Beltrão, entre elas uma palestra proferida no II Congresso Nacional da UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social), em 1974, entidade que foi presidida por JMM, antes da fundação da Intercom. Do instigante ensaio denominado “Comunicação popular e região no Brasil³”, Hohlfeldt traz o seguinte destaque:

³ O ensaio/palestra foi originalmente publicado na coletânea “Comunicação/Incomunicação” (1976) que JMM organizou reunindo exposições realizadas nos congressos da UCBC. Posteriormente, JMM incluiu o texto em outras coletâneas como “Mídia e folclore: o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão” (2001); “Folkcomunicação: teoria e metodologia” (2004) e “Metamorfose da Folkcomunicação: antologia

Por si só, a parcela marginalizada da população brasileira não tem condições de emergir do submundo em que vegeta. As elites dirigentes em todas as áreas podem arquitetar os melhores planos, alimentar os mais puros propósitos, mas sem a participação da maioria silenciosa, esses planos e propósitos não produzem efeitos positivos. (Beltrão apud Hohlfeldt, 2009, p. 100).

A forma de submergir é através da “participação” em que “LB mostra que isso é possível, sim, mediante uma mediação que se dá entre iguais” (Hohlfeldt, 2009, p. 101). Têm-se, então, o princípio da comunicação horizontal que com o advento da internet; das plataformas de compartilhamento de textos, imagens, áudio e vídeo; das redes sociais digitais; amplia a atuação para além do sistema da folkcomunicação ou da *folk media*⁴. O universo digital/virtual tem “regras” igualmente hegemônicas e é dominado pelas *big techs*, os algoritmos estão a serviço do capitalismo e ainda não é possível afirmar que se trata de um meio democrático. No entanto, a produção de folkcomunicação além dos *folk medias*, se mostra mais profícua e acessível dado que os custos de se produzir comunicação caem vertiginosamente quando comparado ao custo de se produzir um jornal impresso ou ter posse de um canal de rádio ou televisão.

Neste âmbito, entra em cena a figura do “ativista midiático” teorizado por Osvaldo Trigueiro (2008) - que igualmente traz um diálogo com Freire⁵ - e que passam a ocupar os espaços virtuais como Youtube, Instagram, Facebook, Spotify, Deezer, TikTok, etc., ainda que não sejam devidamente remunerados e tenham a distribuição prejudicada pelos algoritmos. Todavia, lá estão e, quando conhecidas, são acessadas pelo público-alvo.

brasileira” (2013). Sobre esse ensaio, recomendo a leitura inquietante realizada por Júnia Martins no texto introdutório publicado no Metamorfose da Folkcomunicação.

⁴ Luiz Beltrão apresenta o conceito de comunicação cultural que é composto por dois grandes sistemas, o da comunicação social (composto pelos veículos ortodoxos - jornal, rádio, TV, etc.) e o da folkcomunicação (meios informais, como ex-voto, cordel, mamulengo, etc.). Roberto Benjamin introduz o conceito de folk media como os canais de comunicação genuinamente populares, ou seja, com a mesma materialidade do sistema da folkcomunicação. Isso faz com que o conceito de folk media traçado por Benjamin seja diferente o termo folkmídia teorizado por Joseph Luyten que leva em conta as apropriações (e reapropriações) da mídia massiva pela cultura popular (folk, folclore, marginal). Essas diferenciações estão presentes em diversos textos que escrevi, a exemplo de Fernandes (2022).

⁵ Trigueiro (2008) utiliza a obra “Extensão ou comunicação?” para se ater no aspecto da mediação. Ainda que a pesquisa empírica, base da formulação teórica, se valha da noção do urbano, ou seja, no contexto de cidades de médio e pequeno porte, a teoria é válida para outras aplicações, entre elas a que propomos ao trazer as atuações de Rita von Huntly e Lucian Ambrós.

Outra importante contribuição advém da dissertação de mestrado de Júnia Martins (2014), especialmente no momento em que a pesquisadora traz a noção de empoderamento, a partir de Freire, e a aplica em cenário folkcomunicacional. Ainda que a noção de práxis não seja desenvolvida, ao trazer o empoderamento como algo próximo à conscientização, e que se dá por meio da reflexão crítica, da percepção das contradições sociais em que vive, Martins contribuiu na percepção da importância do desenvolvimento das ações (o que inclui as práticas de comunicação) a partir dos próprios agentes culturais, ressaltando o caráter autônomo, consciente, e por isso, libertador. A pesquisadora ressalta:

Para Freire, só há empoderamento quando o sujeito consegue realizar por si mesmo - sem mediadores ou concedentes - as atividades, transformações ou ações e ele fortalece e se conscientiza das relações de poder e necessidade de mudança; ideia que está implícita na defesa da libertação do oprimido, ponto forte da literatura freiriana. Essa literatura coloca a prática da liberdade como fundamental, caminho pelo qual o oprimido tem condições de atuar sobre sua própria destinação histórica. (Martins, 2014, p. 64).

Martins (2014) mostra que o empoderamento, na perspectiva de Paulo Freire, contribui significativamente para os diálogos da folkcomunicação ao incorporar a dimensão dialógica, crítica e emancipadora da comunicação. Enquanto Luiz Beltrão valoriza as expressões culturais populares como meios legítimos de comunicação, Freire amplia essa abordagem ao destacar o papel do diálogo horizontal, da consciência crítica na transformação social e também da extensão rural⁶. O empoderamento freiriano, entendido como processo de formação de sujeitos capazes de compreender e intervir na realidade, reforça o caráter pedagógico das práticas folkcomunicacionais. Desta forma, a folkcomunicação se fortalece com a pedagogia freireana: cultura e comunicação transformam-se em práticas de empoderamento coletivo.

PRÁXIS FOLKCOMUNICACIONAL: EM BUSCA DE UM CONCEITO

⁶ No âmbito comunicação rural, da extensão rural e do desenvolvimento local, diversas práticas ancoradas na prática freiriana foram focos de ação de pesquisadores/as da Universidade Federal Rural de Pernambuco, berço acadêmico dos estudos de Folkcomunicação em nível de pós-graduação stricto sensu, legado de Roberto Benjamin (Maciel, 2012; Lima, 2017). Em outra oportunidade (Fernandes, Polisseni, Geraldo, 2010) discutimos as aproximações de Paulo Freire com a Folkcomunicação pelo viés da extensão

Conforme ressaltamos, é a partir de Freire que trazemos a noção de práxis para se aplicar a esse estudo. Para o autor: “Práxis na qual a ação e a reflexão, solidárias, se iluminam constante e mutuamente. Na qual a prática, implicando na teoria da qual não se separa, implica também numa postura de quem busca o saber, e não de quem passivamente o recebe” (Freire, 2006, p. 80). Ao complementar essa noção, sobretudo no que envolve a utilização de dispositivos tecnológicos, o autor complementa: “a assistência técnica, na qual se pratica a capacitação, para ser verdadeira, só pode realizar-se na práxis. Na ação e na reflexão. Na compreensão crítica das implicações da própria técnica” (Freire, 2006, p. 89).

A partir de tais indicações de Freire (2006) se percebe um movimento a ser aplicado na folkcomunicação como foi percebido pelo próprio Beltrão (2012) ao ver o uso ambiental que o prof. Camilo Vianna realizou no Pará junto a SOPREN – Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais, primeira evidência da práxis folkcomunicacional, coletada na década de 1970⁷.

Ao nos referirmos a aplicação prática dos estudos da Folkcomunicação, ou seja, como os processos comunicacionais populares acontecem na vida cotidiana e como podem ser analisados em diferentes contextos estamos diante da práxis folkcomunicacional envolve: 1) Ação e Reflexão (a relação entre teoria e prática na comunicação popular); 2) Participação Popular (o envolvimento das comunidades na produção e circulação de mensagens); 3) Mediação Cultural (o papel dos intermediários [líderes comunitários, mídias alternativas, expressões folclóricas] na difusão da informação). Esse conceito se aplica a fenômenos como a comunicação em festas populares, mídias comunitárias, narrativas orais e outros espaços onde o povo produz e compartilha conhecimento de maneira não institucionalizada. Igualmente se faz presente na mídia de massa e na mídia digital quando ativistas midiáticos inserem pautas contra hegemônicas, o que garante a perspectiva da resistência, o qual acreditamos ser o elemento basilar da Folkcomunicação.

A práxis folkcomunicacional envolve uma atitude, papel relegado ao ativista midiática. Nesse ponto, é importante trazermos a seguinte observação:

⁷ O texto a qual nos referimos foi publicado em 04 ago. 1973 no jornal Correio do Povo de Porto Alegre.

O ativista midiático não elimina os novos conflitos, as lutas pelas novas formas de poder. O seu papel é minimizar as divergências através dos diálogos, gerar situações que possam viabilizar na estrutura social do seu grupo, as interligações cirúrgicas dos vasos comunicantes e a solidariedade. Na sociedade humana moderna a cultura é uma relação constitutiva da história, e o que a caracteriza são as intersubjetividades e as comunicabilidades produzidas pelas diversas mediações (Trigueiro, 2008, p. 55).

Neste âmbito é necessário afirmar a atuação estratégica determina por um contexto específico que, pro vezes, extrapola o território geográfico, como é o caso dos grupos culturalmente marginalizados em que a geografia não é um fator determinante para a identificação e exercício de uma liderança. É no ambiente digital que percebemos com mais acuidade a presença desses ativistas. É nessa perspectiva, que valoriza a resistência⁸, que trazemos exemplos de novos ativistas midiáticos da rede folkcomunicacional.

PRÁXIS FOLKCOMUNICACIONAL: NOVAS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS

A união de Paulo Freire à Folkcomunicação não pode deixar de considerar o potencial educador da comunicação. O exercício de resistência e a materialidade da autêntica práxis folkcomunicacional não deixam de considerar o quão suas mensagens além de informar, busca instruir, com base em preceitos científicos vigentes, seu público-alvo. Ademais, o caráter do divertimento, da brincadeira, do lúdico⁹ ganham destaque sem perder a seriedade com o qual determinado assunto deve ser tratado.

A exemplificação da materialidade empírica, de certa forma, dá continuidade a uma pesquisa anterior (Woitowocz; Fernandes, 2017) em que realizamos um diálogo teórico entre a Folkcomunicação com os Estudos de Gênero, com ênfase na teoria Queer, e apresentamos práticas de comunicação em grupos homossexuais. Naquele momento, a

⁸ Em pesquisa anterior (Fernandes; Santana; Woitowicz, 2022) abordamos a resistência cultural, política e comunicacional com base em perspectivas latino-americanas, com foco na atuação dos movimentos sociais que utilizam diversos tipos de mídia on-line e off-line. Percebemos as manifestações folkcomunicacionais como resistência no exercício da conquista de direitos (humano, social e ambiental) e liberdades (religiosa, civil, política) enunciadas a partir de um movimento com matriz informacional.

⁹ O uso reflexivo da comédia como forma de pensar o efetivamente vivido com vistas e melhorar o presente é apontado desde a antiguidade clássica quando Aristófanes escreve *As rãs*, em que parodiava as obras de Ésquilo e Eurípides para refletir sobre a crise moral e artística da Atenas do final da Guerra do Peloponeso.

demonstração estava ligada ao sistema da folkcomunicação, cujos destaques se deram no âmbito dos códigos da linguagem, da comunicação interpessoal e do corpo como comunicação¹⁰.

Aqui queremos destacar duas produções “pós-massivas” que tive acesso através de “produtos” das *big techs*: YouTube (Google) e Instagram (Meta). Não fui levado por nenhum algoritmo, dado que sou usuário ativo dessas plataformas, mas por uma prática popular: a indicação de um amigo. Meu “líder de opinião” me recomendou um “produto” que me interessou e passei a seguir, acompanhando as novidades.

Trago aqui, apenas ilustrando a atuação como de “ativista midiático”, no âmbito de uma “práxis folkcomunicacional”, dois exemplos: o canal do Youtube *Tempero Drag* de Rita von Hunty (Guilherme Terreri Lima Pereira) e a página do Instagram *@posithividades* do psicanalista Lucian Ambrós.

No uso cotidiano das minhas redes sociais, consumo a cada lançamento as novidades trazidas por esses ativistas - com o “engajamento” o algoritmo também passa a dar as novidades de sua própria bolha. A minha é sobretudo LGBTQIANP+ com predominância de homens cis homossexuais. Além de interesse de pesquisa, sinto prazer/alegria em consumir tais produtos. Exercem sobre mim o papel de líder de opinião/ativista midiático, pois tendo a concordar com quase a totalidade das afirmações públicas (embora sempre tenha um detalhe ou outro que é próprio do ser humano reagir, mas sempre no limite do aceitável - preserva-se aqui o que se pode chamar de comunicação anti-bolsonarista). Em termos de comunicação LGBTQIANP+, eu preciso garantir de que ela não seja produzida por um grupo de extrema-direita, o que nesse momento histórico, no Brasil, se chama de “bolsonarismo”.

UMA DRAG MARXISTA: A DIDÁTICA DE RITA

Rita von Hunty é tão boa que conseguiu romper o diálogo segmentado entre os pares (leia-se ao público LGBTQIAPN+) para se alçar ao posto de colunista de uma das

¹⁰ À luz da fenomenologia e tendo como objeto empírico o corpo de um homem gay, trouxe reflexões a partir da Folkcomunicação. Este texto foi resultado das minhas contribuições ao GP Corpo e Cultura (CNPq/UFRB/UFBA) e foi publicado em livro editado pela UFBA (Fernandes, 2024). Uma primeira versão foi apresentada no XXI Folkcom e está disponível nos Anais da conferência que publicamos em 2025 pela EdUEPB.

mais importantes revistas jornalísticas do Brasil, a *Carta Capital*, reconhecida por se alinhar a uma esquerda progressista. Teve também outras presenças na mídia, como o reality “Drag Me as a Queen”. Tem “outras mil funções” e ainda faz palestras! Todo o reconhecimento veio através do canal “Tempero Drag” - www.youtube.com/@TemperoDrag - que existe desde 23 de abr. de 2015, tem (em 07 jul. 2025) 1,36 mi de inscritos, 370 vídeos e 75.818.780 visualizações¹¹. A descrição diz: “Acreditamos na educação como ferramenta de emancipação e trabalhamos em união por mais e melhores acessos. Venha provar nosso Tempero Drag :)”.

As postagens geralmente acontecem a cada quinta-feira e o público sempre tem acesso a um conteúdo lúdico referenciado teoricamente. Nele, são abordados temas como política, marxismo, cultura, gênero, literatura e direitos humanos, sempre com linguagem acessível e toque de humor. A visão epistemológica do canal é crítica e marxista, comprometida com a transformação social por meio da educação popular. Rita funciona como mediadora carismática entre o saber acadêmico e o público amplo, traduzindo conceitos complexos em performances didáticas. O projeto é, ao mesmo tempo, um ato pedagógico e artístico, que une militância, estética e conhecimento.

De acordo com o Youtube, o vídeo mais acessado é o “Teoria do Apego: (“ou qual é o seu tipo?”). Foi publicado em 16 de jul. de 2019 e conta hoje com 1.855.267 visualizações. Comparando com outros vídeos do canal, que chegam a ter aproximadamente meia hora de duração, é um vídeo relativamente curto com 10min32s. O diálogo teórico é com o campo da Psicologia na qual ela recupera o termo “teoria do apego”, cunhado pelo psicólogo, psiquiatra e psicanalista inglês John Bowlby. No entanto, o conteúdo do vídeo é um questionário desenvolvido por dois pesquisadores da Universidade de Denver, Cynthia Hazan e Phillip Shaver, que explicam três tipos de perfis/categorias que se encaixam em um determinada pessoa ao assumir um relacionamento. Rita traz as conceituações, problematiza e explica os motivos de determinados adultos adotarem certas posturas (como insegurança ou distanciamento) nos relacionamentos. Ao final, indica outras informações científicas sobre a teoria. Com 5.697 comentários, o público reage apresentando sua própria categoria e tende a concordar com as explicações da mediadora. Há diversos elogios sobre o tom didático do

¹¹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ODOOoHisQ9E>.

vídeo: “Sou psicólogo, e essa foi a melhor explicação que já vi até hoje. Parabéns!” (@jefersonlucas318); “Fiz 5 anos de psicologia e nem em sala de aula explicaram tão bem! Pqp, meu! ❤️” (@samaraalmeidacabralsoares); “Queria um botão “obrigada por acrescentar tanto ao mundo”... Mas só tem like msm!” (@alinepolillo); “Sou jornalista, fui professora em 3 disciplinas na Federal, sou marqueteira, antropóloga, o cacete. E fico encantada com o acúmulo de informação q vc carrega, embora tão jovem. Cara, linda, wherever, vc é uma delícia de ser humano, pq junta carisma, conhecimento e humor. Porrannnnn” (@helenadealmeida1290).

Não é só o conteúdo e a performance de Rita que chamam a atenção. Em termos comunicacionais, há de se reconhecer as qualidades técnicas do material para além do áudio, angulação e iluminação. Diversas técnicas de pós-produção são utilizadas com a inclusão de fotografias, textos, uso de efeitos sonoros de edição, como o reverb, em momentos que ela lê conceitos. O humor também aparece no “boa noite” inicial em que ela cantarola a vinheta do Jornal Nacional (TV Globo) e na sequência solicita a inclusão da icônica vinheta do Plantão da TV Globo para notificar à audiência da seriedade do assunto a ser tratado. A ficha técnica diz que Rita, responsável pelo “conteúdo”, não esteve só. Ao seu lado na execução deste vídeo estavam: Jorge Junior (Direção e Fotografia), Isabela Rodrigues (Edição), Carol Perroni (Edição e Pós-produção) e Alan Maziero (Produção de arte).

POSITIVIDADES: A COMUNICAÇÃO DO ACOLHIMENTO

Ser LGBTQIAPN+ e ter iniciado a vida sexual após os anos 1980 é tranquilizante, pois tivemos inúmeros avanços científicos, sendo que hoje o diagnóstico de viver com HIV não é mais sinônimo de um atestado de óbito¹². Desde os anos 1990, o Brasil é uma

¹² A luta contra o contágio de ISTs é protagonizada por pessoas LGBTQIAPN+ porque essa população historicamente enfrentou maior vulnerabilidade, estigma e negligência no acesso à saúde. Desde a crise da AIDS nos anos 1980, houve mobilização comunitária, ativismo político e produção de redes de apoio para prevenção, tratamento e conscientização. Esse protagonismo também se dá pela resistência à marginalização imposta pela mídia hegemônica. No entanto, é sempre bom ressaltar que o vírus atinge todos os gêneros e orientações sexuais. Nesse ponto igualmente se destaca outras formas de prevenção à exposição à infecção. O SUS disponibiliza a PrPE (Profilaxia Pré-Exposição) ao HIV que consiste em medicamento de uso diário ou programado que impede a instalação do vírus no organismo. Há ainda PEP (Profilaxia Pós-Exposição) que funciona como uma “pílula do dia seguinte”, ou seja, caso a pessoa tenha tido uma relação sexual desprotegida, pode utilizar a medicação para que não exista o contágio ao HIV. No

referência no tratamento e na prevenção com a distribuição universal de medicamentos através do SUS. A ciência avançou tanto que atualmente falamos em I=I. Essa sigla significa Indetectável = Intransmissível, ou seja, ainda que a pessoa tenha sido infectada pelo vírus, com o tratamento adequado (e gratuito), a carga viral passa a ser indetectável em exames, o que faz com que a pessoa não transmita o vírus, ainda que mantenha relações sem o uso do preservativo.

O avanço científico, no entanto, pouco repercute no âmbito maior da sociedade e ainda há um grande estigma em relação aos portadores do vírus HIV, mesmo que indetectáveis. É forte as agressivas propagandas governamentais nos anos 1980 e os sofrimentos de “olimpianos” que morreram em decorrência da AIDS¹³. O julgamento moral é tão forte que muitas vezes as pessoas enfrentam, em paralelo, outra doença: a depressão. A literatura científica separa o fato de viver com o HIV e o desenvolvimento da AIDS que compromete o sistema imunológico e dá margem para o aparecimento de doenças oportunistas. No entanto, essa diferenciação não é clara para a grande maioria da população que ainda evita contato próximo com se um simples abraço ou beijo (saliva) fosse uma forma de contágio. A moralidade advinda das “confissões da carne” será sempre a etapa mais difícil de qualquer tratamento em que um sentimento de “vergonha” é estampado.

É para romper essas barreiras que entra em cena o ativista midiático Lucian Ambrós, terapeuta e empreendedor social, que transformou seu diagnóstico em uma causa de empoderamento midiático. Ele oferece acolhimento, informação e visibilidade, por meio de tecnologia, eventos, livros e mídias digitais, ajudando milhares de pessoas a viverem com mais autonomia e autoestima com o HIV.

As formas de comunicação são múltiplas. Há de se destacar o livro que ele escreveu “Entre o Medo e a Redescoberta” (2025), onde compartilha sua jornada, desde o diagnóstico até a consolidação do projeto Posithividades. Foi aos 21 anos (em 2001)

entanto, é sempre recomendado o uso da camisinha que além do HIV previne outras ISTs - além, é claro, de uma gravidez indesejada.

¹³ Não há como não lembrar da capa da *Veja*, edição nº 1077, datada de 26 de abril de 1989, com o cantor Cazuza em destaque e a manchete impactante: “Cazuza – Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”. A revista fez uso de uma fotografia de Cazuza em estado de extrema fragilidade, pesando cerca de 40 kg, ressaltando seu sofrimento em tom alarmista e sensacionalista. A chamada sugeria que sua morte era iminente, uma afirmação que ética e humanamente foi considerada excessiva e inoportuna. Há relatos de extremo abalo do cantor ao ver a capa da revista, o que debilitou seu estado de saúde mental.

que Lucian se descobriu soropositivo e logo iniciou o tratamento, hoje se encontra indetectável. O acolhimento é o mote da comunicação desenvolvida no canal. A página tem atualização diária e além dos tradicionais posts, também realiza lives em que o ativista dialoga com outros soropositivos em conversas que giram em torno da descoberta do diagnóstico, do início do tratamento e do resultado da carga viral indetectável. O canal também promove eventos que contribuem com a homosocialidade dos indetectáveis.

Além dos argumentos científicos, o que inclui a divulgação da PrEP, dado que a página comunica também com um público que não foi infectado pelo HIV, é a comunicação do afeto e do acolhimento que chamam a atenção. É nítido o uso do humor, associado ao homoerotismo, para comunicar preceitos da manutenção da vida sexual ativa e da não necessidade (amparada legalmente) da exposição da sorologia (“revelar a sorologia sem consentimento é crime!”).

O canal tem cerca de 138 mil seguidores, com mais de 6 mil publicações que englobam posts, carrosséis e reels. A página existe há oito anos¹⁴, período em que o fundador resolveu expor publicamente sua sorologia e a maior parte do conteúdo são vídeos curtos em que o profissional tira dúvidas e traz dados científicos com toque de humor em suas respostas. Como destaque, trazemos um post que foi fixado no canal em que Lucian celebra com um bolo os 15 anos em que vive com o HIV. O post também recebeu um número elevado de comentários. Trata-se de um vídeo com narração em off sobre esse período. No post, podemos ler:

15 anos depois, eu estou aqui.
Eu tinha apenas 21 anos quando descobri meu diagnóstico de HIV, no centro de Porto Alegre. Não sabia com quem conversar, não sabia o que fazer. O que ia ser da minha vida?

Por muitos anos, tive medo de expor minha sorologia. Medo do preconceito, do estigma. Minha sorologia foi exposta no trabalho. Sofri rejeições. Passei por muitos processos até entender que viver com HIV é, antes de tudo, você contra você mesmo. O preconceito dos outros é deles. Mas existem questões que só quem vive com HIV entende e precisa trabalhar consigo mesmo.

¹⁴ Entre os dias 10/14 de julho de 2025 a Meta suspendeu a página, ainda que nenhum princípio da comunidade tenha sido violado. Tal decisão da empresa de Mark Zuckerberg surpreendeu o fundador, que abatido chegou a postar um vídeo em sua página pessoal - @lucianambros - em que afirma que não deixará de produzir conteúdos. Em termos de big tech e do posicionamento ligado à extrema-direita a partir de Donald Trump como presidente dos EUA ao qual os CEOs dessas empresas se alinham, não nos deixa dúvidas da homofobia presente. Felizmente o canal foi recuperado

Hoje, vivo com HIV há 15 anos. Mas nem sempre foi fácil falar assim. Durante muito tempo, foi medo, desespero, incerteza. Mas eu não desisti. E não vou desistir. Porque cada dia me sinto mais forte para encarar tudo de frente. E, se precisar, mandar algumas pessoas à merda também.

Se você descobriu seu diagnóstico de HIV, não desista. Você não está sozinho.

A postagem, publicada em 15 de fevereiro de 2025¹⁵, sinaliza um processo que se mostra comum com outros positivos. No entanto, a “virada” entre o preconceito e a dignidade serve como incentivo. No momento da pesquisa (18 jul. 25) havia 3.450 curtidas e 301 comentários. Entre eles podemos ler: “Parabéns por ter dado a volta por cima de muitas coisas ruins e transformar isso em aprendizado... e por compartilhar isso com quem mais precisa! 🙌🙌🙌🙌🙌”, “Eu sou profissional da saúde e é no seu perfil que pude aprender a ver o lado do paciente! Continue firme! 💖”, “Eu peguei hg e to morrendo ☐☐”, “Ontem recebi uma ótima notícia após três meses de tratamento estou Indetectável 🥳😊”, “Eu não tenho HIV, mas aprendi muito com seus vídeos, e com certeza mudou meu pensamento 💖💖”, “@posithividades muito feliz por você. Quando recebi meu diagnóstico foi muito difícil e a primeira página que apareceu pra mim foi a sua. Temos informações dos nossos médicos, somos acolhidos pelos profissionais, enfim um conjunto de tudo. Mas vc foi essencial para meu processo de aceitação e de todas as dores que passamos. Acalenta nossos corações porque vc nos mostra verdadeiramente que vai ficar tudo bem. Obrigada, obrigada obrigada 💖”. Por esses comentários, pode-se perceber a diversidade das pessoas que seguem a página e que consomem o conteúdo produzido por Lucian.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos de aproximação metodológica entre o saber-fazer-folkcomunicacional, a pesquisa em folkcomunicação é de natureza empírica, diz Trigueiro (2012, p. 100):

O estudo da Folkcomunicação passa, necessariamente, pela pesquisa empírica, etnográfica e participativa, que nos leva claramente para a

¹⁵ Post disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGGKaPURbWS/>.

compreensão dos diferentes processos da atualidade dos sistemas de informação, de comunicação e do conhecimento das sociedades urbanas numa perspectiva do século XXI (Trigueiro, 2012, p. 100).

Aliado ao conceito de “ativismo midiático” do pesquisador paraibano, essa pesquisa traz o entendimento da “práxis folkcomunicação” como estratégia comunicacional em um cenário de comunicação global que os nichos se constituem por outras formas de identificação além de um território físico e geograficamente delimitado. No âmbito da comunicação dos marginalizados, outro tipo de união proporciona novas formações tribais. Se nota o declínio do individualismo já apontado por Michel Maffesoli (2006) e o retorno da comunidade, essa unida por outras formas de identificação.

A práxis folkcomunicação, então, refere-se à aplicação prática dos estudos da Folkcomunicação, unindo ação e reflexão nos processos comunicacionais populares. Destaca-se a participação ativa das comunidades e dos ativistas midiáticos na produção e circulação de mensagens, enfatizando a mediação cultural exercida por quem de fato conhece a realidade do que se narra, com uso legítimo do lugar de fala. Dessa forma, a práxis folkcomunicação evidencia como a comunicação popular/folclórica/marginal se manifesta no cotidiano, configurando-se como um campo de estudo essencial para compreender as dinâmicas informacionais em contextos não institucionalizados vivenciados pela camada minoritária da população. O grande diferencial para outras formas de comunicação é a preocupação com as evidências científicas repassadas de forma não convencional e com um objetivo de demarcar resistência no âmbito da cultura contra- hegemônica.

Os exemplos mostram que a práxis folkcomunicação ocorre quando sujeitos periféricos ou marginalizados se apropriam das mídias populares ou digitais para expressar suas experiências, valores e lutas, rompendo com a lógica vertical da comunicação hegemônica.

No caso do *Tempero Drag*, a figura da *drag queen* Rita von Hunty resgata linguagens populares e pedagógicas para debater temas complexos como política, história e direitos humanos, tornando o saber crítico mais acessível e popular. Já a página *Posithividades* atua como espaço de resistência afetiva e política ao HIV, promovendo a visibilidade de corpos soropositivos por meio de narrativas empáticas, educativas e visuais que rompem com o estigma. Ambos os espaços encarnam a práxis enquanto

articulação entre ação e reflexão crítica, e operam dentro de um ecossistema folkcomunicação, como redes de sentido construídas de forma horizontal, afetiva e transformadora. É a materialização da ciência num âmbito de resistência em que o sistema tradicional da folkcomunicação se amplia no âmbito da folkmídia para agregar o público marginalizado.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 3ª ed. Brasília: Editora da UnB, 2001.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação e Amazônia. In: HOHLFELDT, Antonio (Org.). **Jornalismo cultural: temas de comunicação**. São Paulo: Intercom, 2012. p. 39-44.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

FERNANDES, Guilherme M. Por uma práxis folkcomunicação: ideias iniciais. In: SCHMIDT, Cristina; HOHLFELDT, Antonio; MERGULHÃO, Eliane (Org.). **A comunicação dos marginalizados nas rupturas democráticas**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2022. p. 115-140.

_____. Praia do Porto da Barra como oportunidade de folkcomunicação. In: VIEIRA, Gina R. R.; LEAHY, Renata C.; CIDREIRA, Renata P. **Politeístas corporais: aparência, arte e ativismo**. Salvador: Edufba, 2024. p. 177-193.

FERNANDES, Guilherme M; PINHEIRO, Júnior; MARTINS, Júnia. Reflexiones metodológicas en la investigación en Folkcomunicación. In: YÁÑEZ AGUILAR, Cristian et al (Org.). **Folkcomunicación en América Latina: diálogos entre Chile y Brasil**. Temuco, Chile: Ed. Universidad de La Frontera, 2016. p. 129-140.

FERNANDES, Guilherme M; SANTANA, Flávio M.; WOITOWICZ, Karina J. Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 20, n. 38, 2022. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/753>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FERNANDES, Guilherme; POLISSENI, Maria Lúcia; GERALDO, Romário. **Folkcomunicação e Extensão Universitária: interfaces possíveis**. In: X CONGRESO LATINO AMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 2010, Bogotá - Colômbia. Anais.... Bogotá - Colômbia: Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 60ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**: caderno 11: 1932-1933. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.

HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 123-150.

HOHLFELDT, Antonio. A Comunicação enquanto diálogo em Paulo Freire e Luiz Beltrão. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. Ano 6, nº 11 (2º sem. 2009), p. 94-102, 2009.

LIMA, Irenilda. Comunicação rural, extensão rural e os aportes teóricos de Roberto Benjamin na atualização do conceito. In: FERNANDES, Guilherme M. et al (Org). **Roberto Benjamin: pesquisas, andanças e legado**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 271-282.

MACIEL, Betania. Folkcomunicação e desenvolvimento local. In: LOPES FILHO, Boanerges et al. (Org.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p. 43-51.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAGALHÃES, Fernando. **10 Lições sobre Marx**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARQUES DE MELO, José. A comunicação na pedagogia de Paulo Freire. In: MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 258-283.

MARTINS, Júnia M. D. **Manifestações folkcomunicacionais como propulsoras de empoderamento social no Ponto de Cultura Estrela de Ouro, em Aliança-PE**. 2014. 260f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa: Ed. UFRB, 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo. Os caminhos da Folkcomunicação na atualidade: perspectivas para o século XXI. In: LOPES FILHO, Boanerges et al. (Org.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p. 91-101.

WOITOWICZ, Karina J.; FERNANDES, Guilherme M. Folkcomunicação e Estudos de Gênero: práticas de comunicação nos grupos homossexuais. **Chasqui: Revista latinoamericana de comunicación**, Quito, Ciespal, n. 135, p. 233-252, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/160/16057381016/html/>. Acesso em 18 jul. 2025.